

Por Ingrid Evangelista, Marcelo Morais, da Renajoc e Vânia Correia, da Redação

SÃO PAULO ? Na noite da última terça-feira (12), a Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, por meio da Coordenadoria da Juventude da cidade de São Paulo, promoveu um encontro com lideranças juvenis para discutir uma política de participação da sociedade em relação à formulação e implementação das políticas públicas destinadas aos jovens. O Diálogo Social, como o evento foi batizado, reuniu mais de duzentas pessoas de todas as regiões da cidade e de diferentes movimentos, organizações e coletivos. Esse foi o primeiro de uma série de encontros que a SDH pretende realizar, abordando os diferentes temas que estão no âmbito da secretaria. O secretário municipal de Direitos Humanos, Rogério Sotilli, e o coordenador de Juventude, Gabriel Medina, conduziram o encontro.

Sotilli destacou a importância do espaço de diálogo com a sociedade e garantiu que esse será o método de atuação do governo. ?Nós queremos ouvir a sociedade civil para aprender com as críticas e propostas de vocês e aprimorar as políticas públicas?, disse. Falou ainda do desafio de criar e fortalecer uma agenda de direitos humanos na cidade de forma ampla e participativa. ?Ou a gente constrói a agenda de direitos humanos de forma republicana, apartidária e transversal, ou a gente não avança?, sublinhou. Além da juventude, a SDH também coordenará políticas voltadas à população LGBT, idosos, crianças e adolescentes, população de rua, imigrantes, além de educação em direitos humanos.

Medina inaugurou sua fala destacando que um dos objetivos da coordenadoria de Juventude é romper com a lógica da cidade proibida, que dificulta e/ou impede a circulação e apropriação dos espaços públicos. Em seguida elencou algumas das prioridades e compromissos da atual gestão em relação às políticas públicas de Juventude, entre eles o de contribuir com a reforma do Conselho Municipal de Juventude para permitir que a presidência seja alternada entre governo e sociedade civil, para que se fortaleça e seja mais atuante.

Entre as ações previstas pela Coordenadoria está o mapeamento da realidade da juventude e das ações governamentais que atingem o público jovem; a implementação do Programa Juventude Viva, do governo federal e a criação das Redes Territoriais da Juventude, ainda em fase de discussão.

Durante o diálogo, os jovens participantes levantaram questões e propostas para a política de juventude na cidade. O rapper Pirata, do Fórum de Hip Hop, alertou para a importância de que a prefeitura não apenas escute os jovens, mas que a escuta se converta em ações concretas. Para Alex Capuano, da CUT, morador de Ferraz de Vasconcelos, as políticas voltadas ao público jovem devem se articular com outros municípios da região metropolitana que fazem divisa com a cidade de São Paulo, já que a dinâmica da vida dos jovens, muitas vezes, ignora essas fronteiras territoriais. Essas cidades são consideradas dormitórios e a grande maioria de seus habitantes, trabalham e/ou estudam na capital.

O racismo institucional foi apontado por Samoury Mugabe, da Articulação da Juventude Negra, como um dos principais pontos a serem enfrentados, no âmbito do Juventude Viva. Muitos jovens negros são mortos pela polícia, além de enfrentarem maiores dificuldades de acessarem serviços públicos como a saúde. Gabriel di Pierro, do GT de Juventude da Rede Nossa São Paulo, ressaltou a necessidade de fortalecer a estrutura da Coordenadoria para que ela possa ter condições de implementar todas as políticas que a juventude paulistana precisa.

Fortalecer a Coordenadoria e, por consequência o tema juventude na cidade, é uma das metas de Gabriel Medina. ?Nós queremos acabar com a lógica clientelista. Queremos fazer política pública pra juventude e isso significa fazer programas universais, amplos, que atendam às necessidades dos jovens. Temos que ser um espaço de inteligência que ofereça dados e ideias para outros setores do governo que desenvolvem ações que atingem o público jovem?.

